

# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

### ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis  
 Com estampilha . . . . . 600 »  
 Fóra do reino accresce o porte do correio  
 avulso . . . . . 20 »

### DIRECTOR E PROPRIETARIO

**AUGUSTO DA COSTA E PINHO**

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**  
Rua de S. Chrispim, 18 a 28 — PORTO

### PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha  
 Anuncios e communicados. . . . . 50 »  
 Repetições . . . . . 25 »  
 Anuncios permanentes, contracto especial  
 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

## OS ASCENDENTES DE ADÃO

OU

## OS PRECURSORES DO HOMEM

I

Nenhum espirito culto deixou de perguntar um dia a si—mesmo—quando appareceu o homem na terra? qual foi a sua origem? algum organismo inferior, modificando-se, veio a ser o mais perfeito?

Este progresso pôde julgar-se o resultado de causas accidentaes, da acção de agentes externos, influido cegamente?

E eu pergunto, se deriva d'alguma lei geral, que tenda a aperfeiçoar todos os entes.

Se o desenvolvimento organico foi gradual, successivo, como attribui-o a causas desordenadas?

Se nas theorias de Lamarch e Darwin alguns individuos se tornaram mais fortes, ou se encontraram em melhores condições de resistencia á variação do meio, em que viviam, e lhe resistiram formando os generos e as especies, não se explica como tomaram novas formas; para se modificarem era preciso cederem á variação do meio e era preciso que lhe resistissem para constituirem os generos e as especies—eis uma objecção, que nos parece attendivel e que já apresentamos á theoria transformista em 1883 na *Locomotiva*.

E havendo um progresso incontestavel, os factos que o representam, e as mil combinações assombrosas, de que resulta, como se explicam? nada ha que o dirija?

Se não é possível negar-se a evolução, como creio, as explicações são por ora hypotheses que não me satisfazem.

Eis o problema formulado como eu o concebo.

Entremos agora na primeira questão; quando appareceu o homem, em qual das quatro epochas do globo?

II

Nos terrenos da terceira epocha do globo encontram-se vestigios que indicam um modo de fazer fogo, e *silex* e *quartzites*, onde se vê o trabalho intelligente d'affeição—as a certos usos—e d'ahi se concluiu, que o homem já existia n'aquella epocha.

Essa inferencia de factos aliáz bem provados, não a permitem as leis da paleontologia, diz M. Mortillet.—Essas leis são:

1.ª—As faunas variam em todas as transformações geologicas.

2.ª—E variam com mais rapidez nos organismos superiores, ou por outras palavras, a existencia de uma especie é tanto mais breve quanto mais elevado o grau, que marcar na escala dos seres.

Assim os mamiferos, d'orgãos mais complexos que os molluscos, modificam-se mais completa e facilmente de uns para outros dos terrenos, que se forem succedendo.

3.ª—As variações não são radicais, mas parciaes e continuas.

4.ª—E ligam se *todas* (principio d'alto valor) a um plano geral, de sorte que os animaes se compre-

hendem em series regulares ainda que divergentes, como se houvesse filiação entre elles.

Prosegue o sabio naturalista dizendo, que desde a epocha do calcario de Beauce, a que pertencem os *marnes* com *silex* queimados e talhados de Thenay, a fauna em geral variou 6 vezes, e em especial a dos mamiferos pelo menos 4. E as diferenças entre os actuaes e os que alli apparecem tanto se pronunciam, que os zoologos os consideram como generos e não só como especies distinctas.

Desde a camada do *silex* em Cantal a fauna mudou inteiramente duas vezes, e desde o deposito achado em Portugal tambem não ficou estacionaria, mas ainda não estão bem estudadas as mudanças, porque passou.

E só o homem, á frente dos animaes, cujo organismo é mais complicado, se conservaria invariavel?

Não é possível reclamar para nós uma excepção ás leis ou factos geraes, que as baseam.

Basta um lanço d'olhos sobre os populações do globo para reconhecermos, que variam tanto como os seres inferiores.

Tambem se sabe positivamente, que o homem variou nos tempos geologicos. Na verdade o quaternario antigo não é como o de hoje, nem igual ao seu successor das cavernas, o que provam os craneos de *Neanderthal* de *Equisheim*, de *Denisa*, de *Canstadt*, e a queixada de *Naulette*.

A differença dos primeiros quaternarios tão perto de nós logicamente é já tão grande, que se hesita em attribuir á nossa especie os restos fosseis que deixaram.

Entre a base e o cume do *miocène*, ou terreno medio terciario, houve completa mudança de fauna.

E subdivide-se em tres classes, a de *Bourgeois*, a mais antiga—a do *Ramée*, ou de Cantal, posterior—e a de *Ribeiro*, ou portugueza, a mais recente, a que mais se aproxima das proporções humanas.

Taes são os seus argumentos, que temos na *Revista dos Cursos Scientificos*, e a que oppomos as objecções seguintes.

Somos pois forçados por uma deducção logica a julgar, que os animaes intelligentes, que sabiam produzia o fogo, e talhar as pedras na epocha terciaria, não eram homens no sentido zoologico, mas d'um outro genero, precusores do homem aos quaes Mortillet dá o nome de—*antropopithecos*—genero com muitas especies, pois que a de Thenay já não é a mesma que a de Cantal.

III

Sem duvida a raça humana não faz excepção aos factos ou leis geraes, mas era necessario, para serem decisivos os argumentos expostos, que nenhuma especie animal de organismo complexo passasse de uma para outra epocha sem modificar-se.

Ora as faunas variam, mas quasi nunca se modificam todas as suas especies completas e mesmo das superiores algumas conservam-se as mesmas, e porque não hade ser o homem uma d'estas?

Assim a deducção de Mortillet, ou antes inducção, não chega para affirmar rigorosamente, que o inventor do modo de produzir fogo

na epocha terciaria não seja um homem.

(Continúa.)

Lourenço d'Almeida Medeiros.

## BOLETIM DO DIA

Terminou a discussão da lista civil na camara dos pares. Caso extraordinario! Votaram a favor alguns pares que tinham falado contra!

O sr. general Pimentel Pinto atacou o projecto, mas não assistiu á sua discussão.

Os srs. Ressano Garcia e Medeiros, que fizeram discursos notabilissimos, afastaram-se depois do fundamental artigo 5.º

Os outros pares votaram de chapa visto que o projecto tinha sido feito pelos srs. Espregueira e José Luciano de Castro.

Coherentes os srs. Dantas Baracho, Ressano Garcia, Costa Lobo, João Arroio, Alpoim, visconde de Montesaõ e Baptista d'Andrade.

O sr. Pereira de Miranda, que assignou o projecto com declarações, retirou-se da sala para não votar. Independencia até aqui!

O sr. arcebispo de Calcedonia que nenhuma vez foi á camara n'esta sessão, compareceu a votar a favor do projecto.

Deram-se scenas interessantissimas, e diz-se que os pares votaram o projecto com o fim de fazerem salamaleques á casa real. Tudo pôde ser!

—As obras nos paços custaram em 18 annos, nada menos de 2:800 contos. Isto é que é preciso não esquecer e é provavel que, em pouco tempo, continuem as obras e as sangrias no pobre thesouro, que tornará a ser escamoteado.

A lista civil foi augmentada em mais de 160 contos, porque se tiraram os encargos que tinha a casa real, que passam a figurar nas contas do thesouro.

—A camara dos pares approvou o projecto de lei creando meios para erguer uma estatua ao Marquez de Pombal. Apenas dois pares votaram contra elle: os srs. Patriarcha e Bispo do Porto. (Reacionarios).

O sr. Dantas Baracho fez um belo discurso, approvando o projecto Alguns pares usaram da palavra.

Têm corrido boatos de crise. Diz-se que o actual gabinete soffrerá brevemente uma larga recomposição entrando um regenerador, um progressista e um deputado governamental. Tambem se diz que cahirá todo o governo, sendo o sr. Amaral encarregado de compôr outro. Veremos.

—As côrtes são prorogadas até 10 de setembro.

Da Crença Liberal.

## Discurso do sr. Conde d'Arnos

A seguir transcrevemos de extracto da sessão parte do magistral discurso do nobre titular:

Não faço phrases e não accuso ninguem. Mas á desapaixonada consciencia de todos pergunto se

é sobre a memoria de tão malafortunado Rei, que inexoravelmente devem cair essas responsabilidades.

Era Sua Majestade porventura um Rei esbanjador e perdulario, pondo como preço da sua confiança ouro e mais ouro, dinheiro e mais dinheiro, para saciar a sua cubiça?

A camara sabe bem que não, e como a camara sabe-o todo o paiz.

Mas como se os adeantamentos fossem ainda pouco, tambem sobre a memoria intentam fazer cair todas as dissipações inherentes á má fiscalisação, e ainda peor escripturação, das obras nos Paços, feitas por conta do Estado e sobre a directa administração das chamadas obras publicas.

Ninguem, absolutamente ninguem, ignora o que affirmo, mas encetada tão descaravel campanha contra o Rei vilmente assassinado, continuou sem treguas nem quartel, como se pudesse ainda surgir da sua jazida de S. Vicentede Fóra e encontrar-se de novo á frente dos destinos d'esta nossa querida patria que elle, como todos os bons e leaes portuguezes, só ansiava por ver melhor e mais feliz!

O governo exarando esse já agora famoso artigo 5.º no projecto de lei da lista civil, lançou-se tambem no movimento, assumindo, o que é mais grave, a sua direcção, senão a sua exploração.

E não se venha aqui dizer que é esta a vontade de Sua Majestade El Rei D. Manuel II. O augusto Chefe do Estado expoz, é certo a sua opinião aos seus ministros responsaveis sobre os negocios que lhe são submettidos.

Se essa opinião prevalece, uma vez accete e introduzida num projecto de lei, passa a ser da exclusiva iniciativa e responsabilidade do Governo e este em caso algum pôde vir dizer ao Parlamento, que se tal disposição se encontra em tal projecto de lei, é por que Sua Majestade El-Rei assim o quer.

Tambem se não diga que se o artigo 5.º não apparecesse no projecto referente á lista civil, as opposições seriam as primeiras a clamar e a gritar para tal se fazer. E que fossem?

Os Governos, como os individuos, só se devem preoccupar com os ataques feitos com fundamento. *Os ataques formulados sem razão são contraproducentes: enfraquecem os que os fazem, dando maior força aos que os soffrem.*

Estes são, sr. presidente, ninguem de boa fé o pôde negar, os verdadeiros principios.

Por isso, repito, o Governo, só o Governo enxertando o artigo 5.º no projecto de lei da lista civil abraçou a campanha dos adeantamentos acorrentando essa questão, que tanto urgia liquidar, a todo o reinado de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II.

Triste, muitissimo triste! Desoladoramente triste!

Faço, porventura, uma affirmacção gratuita? Infelizmente não.

A justiça foi sempre, e em toda a parte, e em todos os tempos, e sob todos os regimens, a austera e sagrada protectora de todas as victimas. E a que temos nós assistido? Entristece e punge lembra-lo.

Sua Magestade El-Rei D. Carlos I e Sua Alteza Real D. Luiz

Filippe são barbara, cobarde e canibalescamente assassinados de dia, em plena praça publica, por um verdadeiro bando armado, e volvidos seis mezes interminaveis, dolorosissimos, nada de positivo se sabe sobre tão infame, tão nefando crime, nada ainda se pôde averiguar ou apurar, nem sequer o facil caminho seguido pela certa carabina, arrancada das mãos crispadas de um dos assassinos, e que um armeiro singelamente declara ao primeiro jornalista que lhe apparece, ter sido vendida na sua propria casa! E foi preciso este recentissimo facto para, segundo leio nos jornaes, se iniciarem tardiamente algumas pesquisas!

E a justiça? Que fez a justiça todo esse tempo?

Deixou cair das mãos a espada a a balança, para melhor apertar a venda de seus olhos! (1)

(1) Quem sabe ainda os motivos do procedimento do governo?

Conde d'Arnos.

## ASSUMPTO LOCAL

Mal suppunhamos, que o nosso ultimo artigo irritasse, tão intensivamente, os nervos do nosso illustre contendor, a ponto de ser necessario o emprego da firmeza de toda a sua vontade, para frenar os movimentos impulsivos, que então se manifestaram em toda a sua exuberancia.

Sentimos; mas não temos que penitenciar-nos d'esse peccado, se, é que, o é, pois fomos serenos e commedidos, em tudo o que escrevemos, não ultrapassando a linha da correcção.

Não quer o illustre articulista confessar, que existe um motivo para os seus ataques directos e seguidos contra a camara.

A nossa convicção, é que, elle existe.

Qual seja, não sabemos, tendo como verdadeiras as affirmativas do nosso douto contendor, de que esse motivo não é de ordem pessoal ou politica.

Mas á nossa razão apresentamos factos claros e nitidos, que a levariam a duvidar de taes affirmativas, se por ventura não conhecissemos bem o illustre articulista.

Encetou a «Patria», desde o seu inicio, uma serie de artigos, sob a epigrapha «Interesses municipaes» e, desde então até hoje, só tem encontrado motivo para accusar a camara.

E a má vontade, que nós, com a nossa doença, vemos, impede que o illustre articulista louve aquella corporação, quando ella pratica actos aconselhados, nos bem elaborados artigos.

Hajam vista a arremataçõas das aguas dos sobejos das fontes.

Depois d'isto nós, é que, somos os accusados de, com os nossos artigos, fazermos especulações politicas.

Valha-nos Deus.

Somos incoherentes e desmemoriados, assim o diz o illustre articulista, porque, a principio, sustentamos, que não havia o direito

de sobrecarregar os municipes *todos* para proteger *uma parte*, e por isso não se devia construir o hospital novo; porque, hoje, merecemos compaixão a miséria do concelho, e a camara, sem respeito por ella, aforou totalmente os terrenos, que eram *logradouro do povo desde tempos immemoriaes*.

E quer o illustre articulista depois d'estas *vontades*, que nós continuemos a acreditar, que discute de boa fé, na melhor das intenções, sem má vontade, e sem qualquer motivo de ordem pessoal ou politica.

Pois seja assim. Dissemos e repetimos que as camaras não têm obrigação legal de sustentar hospitaes, podendo, comtudo, dentro dos limites dos seus recursos, ou seja depois de satisfazer as despesas obrigatorias, subsidial-os, ou ainda accorrer a todas as despeza da sua manutenção, quando estejam sob a sua administração, mas sempre sem prejuizo das despesas obrigatorias.

E porque a camara não tem hoje recursos para a construção d um hospital novo, e só os podia haver, recorrendo a impostos; por que entendemos, que não se deve sobrecarregar os municipes com o pagamento de impostos novos, porque bem sobrecarregados estão elles com as contribuições do estado, sendo de notar que o nosso concelho é, de todos os do districto, aquelle em que a fazenda mais ferra a unha; dissemos e repetimos que, por enquanto, devia a camara pôr de parte tal ideia.

Isto não impede, que tenhamos compaixão pela miséria; mas a caridade deve ser exercida nos termos de recursos camararios.

Os vereadores das Camaras são procuradores dos municipes.

A condições do mandato estão determinadas na lei, e por esta se vê, que as camaras só tem obrigação de criar receita, venha ella d'onde vier, para a satisfação das despesas obrigatorias.

Abra o nosso illustre contendor um plebiscito entre os contribuintes do concelho, e pergunte-lhes se elles querem pagar mais 10, 20, 40 80 ou 100 por cento sobre as contribuições do estado, para construir um hospital, para fazer avenidas ou *parques*, ou jardins, e então saberá muito bem a resposta, que dão.

E' negativa, e com justo motivo.

A razões são intuitivas.

Não nos contradizemos em ter commiserção pela pobreza e approvarmos o acto camarario do aforamento dos terrenos da matta municipal

No tempo em que havia pinheiros, o povo podia aproveitar-se só duma parte das agulhas ali produzidas, pois a maior parte era vendida.

Despovoados os pinhaes, havia um terreno inculito, que criava algum tojo, que poderia servir para minorar um pouco a miséria da pobreza.

O beneficio que os pobres tiravam era infinitamente pequeno, comparado com os beneficios, que a camara auferia, proveniente das receitas importantes, produzidas pelo aforamento.

A camara, para satisfazer os seus encargos obrigatorios, tinha necessidade absoluta d'esses rendimentos.

E, n'essas condições, não podia desviar-os para actos de beneficencia.

A caridade é nobre, é sublime, constituindo mesmo um dever social, mas nunca deve ser exercida com prejuizo das necessidades impreteriveis do beneficente.

Isto tanto relativamente a um individuo, como a uma familia, como uma collectividade.

Se eu ou os meus têm necessidades hei-de acudir primeiro a mim, aos meus, e depois cumpro um dever, accudindo ás necessidades alheias.

E o nosso illustre contendor tambem assim o pensa, e assim procede.

O lançamento do imposto do trabalho existe legalmente organiado, o que é facil de se verificar.

E' certo que a grande parte dos municipes não o paga, e que a camara não tem executado os devedores.

A razão vem de que só, ha trez annos, é que, se começou a organisar o lançamento, e como tal imposto nunca se tivesse cobrado regularmente, evidentemente, que se encontra uma certa reluctancia na sua cobrança voluntaria.

A cobrança coercida não é das atribuições da camara, mas sim do administrador do concelho.

Não é pois, illegitima a exigencia do imposto do trabalho.

O que é illegitimo é o não pagamento.

Dir-nos-ha o illustre articulista, que desde que a maioria não paga voluntariamente, tambem não deve pagar a minoria.

Não é razão. Um abuzo, ou um acto illegitimo não justifica outro.

Não temos má vontade nem contra o sr. Administrador do concelho, nem contra o sr. subdelegado de saude, nem contra ninguém, absolutamente ninguém.

Conhecemos o regulamento de saude e sabemos muito bem quaes as attribuições dos funcionarios publicos; bem como sabemos quaes as obrigações ali impostas aos particulares profissionaes ou não, e as penalidades estatuidas.

Não está no nosso feitio accusar.

Satisfazer o illustre articulista os seus desejos preizados de dizer do sr Administrador e subdelegado de saude, poupando este e aggredindo mais aquelle.

Nem outro cousa era de esperar.

## EIRAS AO LUAR

Alvor da lua nas eiras,  
Nem linhos de fandeiras,  
Nem veos de noivas ou freiras,  
Nem rendas d'ondas do mar!...  
Oh, baile ceifeiras, lindas feiteiras,  
Na aleluia argentea do clarão do luar!...

Bailae sob as lacrimosas  
Estrelinhas misteriosas,  
Scintillações, nebulosas,  
Fremidos vagos d'empyros!...  
Deos golpeia a aurora p'ra dar sangue ás rosas  
Deos ordenha a lua p'ra dar leite aos lirios!...

Ai, medas de prata e oiro,  
De lua branca e pão loiro,  
Malhadas no malhadeiro,  
A enfeitigar e a fulgir!...  
Oh, bail-e a volta d'esse bom thesoiro,  
Que é a coada negra que ceaes a rir!...

Quem nas ladeiras e prados,  
Com as lanças dos arados,  
Abriu sulcos e valados  
Na terra gelida e nua?  
Oh, bailae a volta d'esses bois deitados,  
Que estão d'olhos tristes adorando a lua!...

Que bandos de passarinhos,  
Vem lá de campos maninhos,  
De fragedos, de caminhos,  
Jantar aqui, merendar!...  
Oh, bailae em volta do celeiro cheio!  
Oh, bailae cantando para os acordar!

Entre as palhas do centeio,  
Quantas esmolos no meio,  
Que deixam lirios no seio  
E as mãos escorrendo luz!...  
Oh, bailae em volta do celeiro cheio!  
Oh, bailae a volta dos mendigos nus!

Quanta hostia consagrada,  
--Pão da ultima jornada!--  
Dorme na meda encintada  
Ao luar tão leve e tão lindo!...  
Oh, bailae em volta d'essa mó doirada,  
Que bailaes a volta de Jesus dormindo!...

ção das proximidades do palacio. A musica, as vozes dos creados, o rodar dos côches pareciam, em face do Etna silencioso e socegado um resumo derisorio da vida humana defronte do abysmo mysterioso da eternidade.

A medida que vae rompendo a madrugada, vão os cumes empallidecendo, e o esplendido turbante de fumo avermelhado que os cercava, toma esta mesma côr e se desenrola qual uma serpente azul sobre um fundo de opala.

Então, o quadro muda d'aspecto, o contraste é inteiramente opposto.

Ha um subito silencio no palacio, e os horrores do vulcão tornam-se visiveis; as medonhas escabrosidades, os seus golpos escancarados; todos os vertigios de desolação que imprimira no solo, desde a cratera até á sua base, até muito além do ponto em que Miguel e Magnani o contemplavam, até á ensaiada, emfim, onde Catania se acha encerrada por numerosos blocos de lava negros como o ebano.

Esta natureza terrivel parecia afrontada com phrases risiveis da orchestra que já só brandamente se ouvia, e com as luzes morticas que corovavam a fachada do palacio. A musica e a iluminação pareciam querer, ás vezes, avivar-se—os mais animados dançantes forçavam, sem duvida, os musicos a não cahirem em somnolencia — asvellas quasi consumi-

Alvor da lua nas eiras,  
Nem linhos de fandeiras,  
Nem veos de noivas ou freiras,  
Nem rendas d'ondas do mar!...  
Oh, baile ceifeiras, lindas feiteiras,  
Na aleluia argentea do clarão do luar!

Guerra Junqueiro

## Cavaqueira DE RASPÃO

Vamos hoje tratar d'um phenomeno que toda a gente aqui em Ovar já presenciou—os eclipses.

Para tornar intelligivel a theoria dos eclipses supponhamos que um ratão qualquer está lendo uma cartinha amorosa á luz d'um candieiro e que entra em casa d'elle um rival e que se põe na frente do candieiro. Ah! temos um eclipse do candieiro que suspendeu a leitura por falta de luz.

Chamemos ao candieiro *sol*, ao leitor *terra* e ao outro patusco, rival, um nome d'um qualquer corpo celeste que gosta de brincar com a *terra* tapando-lhe a luz do *sol*.

A theoria, dos eclipses como vêem é simplicissima e é esta, nada mais.

A *Lua* que é muito pequena em relação á *Terra* e ao *Sol* deixa as bordinhas do *Sol* á vista; quando acontece isso produz-se um eclipse parcial.

Deixa vêr as bordinhas porque é pequena, se fosse grande cobria-o todo e era eclipse total.

Como não é nosso intento profundarmos as materias que abordamos; mas sim em amenos cavacos entremeados de larachas diffundirmos as noções scientificas mais uteis á vida, por isso, digo, não massaremos mais o benevolente leitor com a materia de que lançamos mão e vamos reproduzir-lhe um dialogo que ouvimos a proposito de eclipses.

Porciuncula—Vossê viu o eclipse?

Zacharias—Antes o não visse porque a minha Quiteria obrigou-me a deitar e como ella esteve a carregar palha veiu com o corpo todo bexiguento e eu fui condemnado a coçal-a até o diabo dizer—basta—

Disse-me que ouvira contar que o *Sol* estava coberto e por isso não se lhe via a luz.

—Oh! essa é boa, quando a minha vacca anda coberta toda a gente que olha para ella a vê. Só o *Sol* por estar coberto é que se não vê?

das por pouco queimavam os seus enfeites de papel côr de rosa. Ter-se-ia dito certamente d'este edificio luminoso e sonoro, que a descuidada alegria da juventude ali lutava contra o pezo do somno, enquanto o eterno flagello d'este soberbo paiz enviava aos ares as suas ondas de fumo, como ameaça destruidora, que nem sempre se afrontava em vão.

A Miguel Angelo absorvia-o a vista do vulcão; porem, Magnani, tinha os olhos mais vezes fixos na *villa*, e de repente soltou uma exclamação; o seu joven amigo olhando no mesmo sentido, viu uma forma branca que parecia fiutuar como um ponto no espaço — era uma dama que andava vagarosamente no jardim do palacio.

—Tambem ella, diz involuntariamente Magnani, contempla o desabrochar da manhã, sobre a montanha! Talvez ella tambem sonhe e suspire?

—Quem? pergunta Miguel cujo espirito se moderara nas suas chimeras. Fens vista com alcance bastante para conheceres d'aqui se é a princeza ou a camarista?

Magnani escondeu a cara entre as mãos e não respondeu.

—Amigo, volve Miguel, tocado d'um subito presentimento, queres tu seres franco comigo? A dama de que estás enamorado é a princeza Agatha.

—Pois bem, por que não hei-de confessal-o, responde o joven artista com voz dolorida: Talvez não

Quanto tempo andaria elle coberto?

—Vossê não se lembra já que elle pouco tempo esteve coberto?

—E' verdade, agora me lembro. Aquillo é que foi despachar, se a minha vacca fizesse o mesmo estava eu mais contente.

Disse-me que a sua Quiteria esteve a carregar palha. O meu Manél nunca meche em palha e tem tambem muitas comichões.

Fui até alli ao Carlinhos buscar 10 reis, d'uma pomada para o besuntar.

—Isso de comichões é muito mau. Se dão nas pernas, deitam-se com força para o lado e o fato as coça; mas quando são n'outro sitio que não faz muito geito coçar—como por exemplo nas costas—isso é que é...

A respeito do eclipse disseram que a *Lua* já tapou duas vezes o *Sol* e ainda o ha-de tapar outra vez a 23 de Dezembro; mas tapa pouco, deixa-lhe as bordinhas á vista.

O Snr. Aries explicou-me tão bem o eclipse que eu percebi muito bem.

Quando o seu marido vae para o Brazil, faz eclipse total. Elle é um *Sol* para você que fica ás escuras em elle se safando e por isso tem que arranjar alguma outra luz que a allumie. O meu azeite, ainda que fraco este anno, porque a colheita não foi boa, está ás suas ordens.

Seu marido é o *Sol*, vossê a *Terra* e eu posso ser o que ando á roda do *Sol* de forma que quando a vejo na minha frente cubro-a e não lhe deixo chegar a luz do *Sol*.

Percebeu agora como se dá o eclipse?

—Isso de vossê andar ás voltas faz-me entontecer e obriga-me a cahir porque tenho as pernas fraças.

Se vossê chegasse a cahir por cima de mim eu não me segurava e cahia tambem, e meu marido não me podia vêr porque vossê me *calipsava*.

Era um *calipse* da Porciuncula para o Manél.

Já vê que percebi a historia dos *calipses*.

O meu Manél nem sequer me via as bordinhas com um machacaz como vossê a *calipsar-me*.

—Já sabia que vossê é fraca das pernas e é por isso que vossê anda a cahir tantas vezes; mas a culpada d'isso é vossê mesmo porque anda só pelas viellas cheias de calhás aonde se escorrega muito. Ande pelas ruas correntes, aonde é melhor o piso.

tarde a arrepende-me de ter confiado a uma creança que mal conheço, um segredo que não deixei presentir aquelles que deviam ser os mais sinceros d'entre os meus amigos.

Ha visivelmente uma razão fatal n'este desejo de expansão que me attrahe para ti. Talvez seja a hora já adeantada, a fadiga, a excitação que me causam a musica, as luzes e os perfumes: não sei: Talvez seja antes o eu sentir que tu és o unico capaz de me comprehender, e tu mesmo assaz louco para não escarneceres da minha loucura. Pois, é verdade, amo-a, temo-a, odeio-a e adoro-a, ao mesmo tempo, esta mulher que não se parece com nenhuma outra, que ninguém conhece, nem eu mesmo!

—Não escarnecerei de ti, certamente, Magnani; lamento-te e sou teu amigo, por que me parece haver uma certa similhaça entre nós.

A mim tambem me excitam os perfumes, o intenso brilho das luzes, a atroante musica da dansa que tem alguma coisa de lugubre para a minha imaginação, atravez da sua falsa alegria. Eu tambem me sinto exaltado e um pouco demente n'este instante.

Figura-se-me que ha um mysterio na sympathia que mutuamente nos inspiramos...

Continua)

Clara de Miranda.

## FOLHETIM

### O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

—O pae sabe que está convidado para jantar amanhã em casa do marquez de la Serra?

—Bem sei; está isso combinado. Aceitei por não ser o marquez um homem enfadonho como são quasi todos os gran-senhores. Oh! quanto lhes não custaria decidirem-me a passar duas horas consecutivas com alguns d'elles! O marquez é homem de espirito. Queres vir commigo a sua casa? Não venhas contrariado, Miguel. Não debes constranger-te com pessoa alguma, se quizeres ter um coração franco.

Havia realmente muita distancia entre a idéa que Pedro fazia d'um tão honroso convite, e o que Miguel ajudava a respeito do seu triumphante acolhimento na sociedade. Primeiramente inebriara-o o que suppozera amor na princeza; depois admirava abenevolencia do marquez, que atenuava o prodigio, seu explical-o; por fim irritara-se contra o homem do sobretudo, e não sabia em que acreditar.

As suas theorias sobre a vi-

ctoria do talento cahiam deante da natural simplicidade de seu pae, que tudo accitava, attencões e desdens com pacata gratidão, ou com divertidos motejos.

A entrada do palacio Miguel encontrou Magnani que tambem se retirava. Ao fim d'uns cem passos, animados pela aragem matutina, resolveram, em vez de se irem deitar, darem uma volta pelo outeiro e de lá contemplarem a aurora que principiava a aclarar os flancos do Etna.

Chegados a meia encosta da collina immensa sentaram-se n'uma rocha pitoresca, tendo á direita a *villa* Palmarosa, ainda toda deslumbrante de luzes e dos estrondosos sons da orchestra; á esquerda a activa pyramede do vulcão, com as suas diversas regiões de verdura, de rochas, e de neves até ao cume.

Era um espectáculo extranho e grandioso. Tudo n'esta perspectiva era infinito—a região *pedemonta* mal se distinguia da zona superior, chamada região *nemerosa* ou *silvosa*.

Porem, enquanto a aurora refletida pelo mar, espalhava uma luz palida e confusa no fundo d'este quadro, o pico do monte desenhava nitidamente as suas chanfraduras grandiosas e as suas neves immaculadas no ar azulado e ainda cheio de estrellas por cima do gigante.

A sublime mudez, a imponente serenidade d'este topo visinho do demireo, contrastava com a agita-

—Não ando por essas ruas porque posso cair e então toda a gente fallava de mim emquanto que nas viellas já cahí muitas vezes e ninguem me viu.

Quando o meu Manél fôr agora para o Brazil eu vou para o Porto para casa d'uma tia que tenho na Cordoaria onde posso cair á minha vontade e á noute vou com ella para o jardim e ganho algum pataco sempre que lá vou fazer algum recado a qualquer janota.

Ri-me a perder lá n'outro dia com um a que chamavam *Chafurdo* ou não sei que é, que guia automoveis. Disse-me elle que qualquer pessoa é um automovel. Disse que elle tinha um cylindro e um silencioso. Pediu-me um deposito de agua e convidou-me a dar um passeio no automovel assim formado.

Fui com elle a casa da minha tia e vimos que o cylindro trabalhava tão bem que não falhou uma explosão sequer. Trabalhou só um silencioso e tão bem que elle ficou admirado.

—Quando lá voltar, não dê muita velocidade ao automovel porque a policia salta-lhe em cima e leva-a presa a vossê e mais a dona da *garage*, a sua tia.

Agora é tempo de pedir ao typographo que compoz a cavaqueira passada que emende 14.º para 140.º centigrados abaixo de zero pois é esta a temperatura dos espaços sideraes.

14.º era um manná para as alminhas que para lá fossem.

Hão-de-se regalar com 140.º abaixo de zero (centigrados) se quizerem para lá ir.

Posto isto, venham dar um passeio, de automovel com este seu amigo porque prometto guiar bem.

Aries.

**NOTICIARIO**

**TEMPO**

O mez de setembro entrou péssimo.

Estamos convictos, pelo tempo, que tem feito, de que o inverno, este anno, principiará cedo, e de que será rigorosissimo, sendo, assim, de esperar chuvas grossas e prolongadas, trovoadas, grão, relampagos, raios e coriscos, a pontos de não podermos sahir do lume, ou da cama.

Nós, por causa das duvidas, já mandamos fazer um fato de *burrel*, já mandamos vir um chapéu gróssio, d'abas largas, á moda do Borda d'Agua, e já mandamos fazer umas botas, como até hoje, ainda, não se fizeram.

Previnam-se, pois, se quizerem porque só assim, é que, se poderá resistir ao ataque violento do inverno, que se aproxima de nós.

Quando nos virem com este traje, não se riam, por favor.

**PESCA**

Não tem importancia alguma o producto da pesca, na costa do Furadouro, durante a semana ultima.

**AOS NOSSOS ASSIGNANTES**

Aos nossos assignantes, que viverem no Furadouro, durante a epocha balnear, rogamos a fineza de nos avizarem, afim de lhes mandarmos para alli o *Jornal de Ovar*.

**SORTEIO DE JUIZES**

Os juizes do Supremo Tribunal de Justiça de Lisboa que não de compôr as duas secções no proximo anno judicial, são os seguintes:

1.ª secção—José Pereira, Fa-

ria Azevedo, Pinto Osorio, Henrique Pinto, Joaquim Germano Sequeira, Silva Mattos e Eduardo José Coelho.

2.ª secção—Serra Moura, Serpa Pimentel, Dias d'Oliveira, Correia Leal, Luiz Antonio Figueiredo, Ferreira da Cunha e Visconde do Ervedal da Beira.

E os do Tribunal da Relação do Porto, os seguintes:

1.ª secção (ás terças-feiras)—drs. Ernesto Kopke da Fonseca Gouveia, Manuei José Dias Salga do Carneiro, Joaquim Antonio Coelho da Rocha, conselheiro Antonio Augusto Fernandes Braga, Alexandre de Souza e Mello, Antonio Teixeira Alves Martins, João Maria da Rocha Calisto, Augusto da Cunha Pimentel, Cesar Augusto Homem de Abranches Brandão e Alexandre Barbosa Mendonça (aggregado).

2.ª secção (ás sextas-feiras)—Drs. José Maria Pestana de Vasconcellos, conselheiro Abel Augusto Correia de Pinho, Fernando Henriques da Costa Loureiro Toscano, Francisco de Almeida Pessanha, Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, Manuel Alves da Silva, Eduardo Martins da Costa, Francisco de Meirelles Leite Pereira de Abreu e Souza e conselheiro Antonio Henriques Rodrigues da Costa.

**FURTO**

Na tarde do dia 3 do corrente setembro, João da Silva Loureiro solteiro, de 23 annos de idade, padeiro, natural do Douro, furtou ao sr. José Maria Dias de Rezende, importante industrial d'esta villa d'Ovar, em casa de quem estava como creado de servir, os seguintes objectos: 10\$000 réis em prata, uma bolsa de prata, uma corrente de ouro com uma libra com cercadura a servir de medalha, um alfinete de ouro, uma corrente de prata, um relógio de prata, um casaco preto de casimira.

O facto foi participado na administração do concelho, ordenando o sr. administrador, immediatamente, todas as diligencias necessarias para se effectuar a captura do criminoso e apprehensão dos objectos furtados.

**NECROLOGIA**

Falleceram: No Porto, no dia 25 de agosto findo, a sr.ª D. Julieta d'Oliveira Mello e Mesquita, dedicada esposa do sr. Victorino Trigo de Mesquita, commerciante n'aquella cidade, e filha do nosso amigo o sr. Antonio d'Oliveira Mello.

No dia 29 do mesmo mez, No Rio de Janeiro, o nosso conterraneo Francisco Rodrigues Lyrio, irmão do sr. Manoel Rodrigues Lyrio, de S. Miguel, d'esta villa.

No dia primeiro do corrente mez de setembro, n'esta villa, a mãe do nosso amigo José Luiz de Sá.

—A todas as familias enlutadas endereçamos condolencias.

Na noute de 3, os presos da cadeia de Veiserlantera, Berlim, amotinaram-se, derrubando o carcereiro e tirando-lhe as chaves.

O preso, que traçou a evasão, suicidou-se.

**FESTIVIDADE**

Hoje terá lugar a festa a Santa Clara, freguezia de Bomfim, cidade do Porto, que, segundo informações fidedignas, assume uma imponencia e brilho superior aos annos anteriores.

Tomam parte a banda regimen-

tal d'infanteria 18, d'aquella cidade, e banda dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa, de que é regente o nosso amigo o sr. Luiz Lima.

O Marquez de Soveral, nosso ministros plenipotenciario em Londres, offereceu, na noute de 3 do corrente, um banquete em honra do rei Eduardo VII, ao qual assistiu tambem Isvolsky, ministro dos negocios estrangeiros da Russia.

**FURADOURO**

Veem-se n'esta praia muitas familias dos concelhos limitrophes. Abriu a assembleia recreativa conservando-se aberta até meados d'outubro.

**CAÇA**

A epocha da caça, n'este concelho, principiou no dia um do corrente.

Tem havido varias caçadas n'esta freguesia promovidas pelos caçadores d'aqui tendo sido regular a colheita de coelhos, lebres e codornizes.

As caçadas mais importantes foram as promovidas pelos nossos dedicados amigos Manuel Antonio Lopes, negociante e dignissimo regedor d'esta freguesia, e João Antonio Lopes, negociante, sendo abatidos 25 coelhos e lebres 2 rapozas e 1 gato branco.

Na caçada promovida pelos nossos sympathicos amigos Lino Pereira Leça, e Manuel Ribeiro França, negociantes, dignissimos regedores effectivo e substituto da freguesia d'Esmoriz, e Antonio Ganha-Vida, importante industrial tambem d'Esmoriz, no dia primeiro do corrente mez de setembro, foram mortos 17 coelhos, 4 lebres, 3 codornizes, 3 maçaricos, um pombo e um texugo.

O Sr. Lino Leça matou o texugo e um coelho com um só tiro, o que corrobora e justifica a alta fama, de que gosa, como atirador de primeira classe.

**AGRESSÃO**

Na noute de 29 para 30 do mez findo, deu-se, na costa do Furadouro uma grave desordem entre Lazaro Fernandes Rendeiro, solteiro, do lugar do casal, freguesia do Bunheiro, concelho d'Estarreja, pescador na companhia «Boa Esperança», e João da Cunha conhecido tambem por João do Rio, solteiro, lavrador, do lugar de Real de Cima, freguesia de Vallega, d'este concelho d'Ovar, resultando o João do Rio receber facadas no pescoço, pondo-lhe a vida em perigo.

Os Reis d'Hespanha tiveram uma despedida affectuosissima á sua partida de Londres, em 3 do corrente.

**Novos Ministerios**

Relata a imprensa de Lisboa que vão ser creados mais dois ministerios—um da agricultura e outro d'instrucção publica.

**DESASTRE**

Na tarde de quinta-feira ultima, cahiu d'um telhado á rua, um operario, resultando ficar com uma perna fracturada e com varias contusões no corpo.

**VACCARIA**

O Sr. José Maria Lopes Va-

lente vae instalar uma vaccaria na rua da Capella Nova, da Costa do Furadouro.

**Os boatos de crise**

Murcharam, como as flores, embora as mais lindas e vistosas, os boatos de crise apressadamente espalhados, logo em seguida ao encerramento dos trabalhos parlamentares na camara dos deputados. Nunca se virá tal precipitação em semelhantes boatos, e tão grande variedade de informação com ministerios para todos os paladares. Agora dá-se como adiada a crise até 15 d'Outubro:—data precisa e mathematica, rigorosa como a do vencimento de uma letra, a não ser que ainda depois lhe concedam alguma reforma. Ver-se-ha.

(Do «Correio da Noute»).

**ARREMATACÃO**

**2.ª Publicação**

No domingo 4 d'outubro proximo, pelas 10 da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca e na sua execução por custas que o Ministerio Publico move contra Maria Julia de Jesus, viuva do lugar das Pedras de Cima, freguezia d'Arada, hade ser posta em praça para ser arrematada por preço superior ao da avaliação a propriedade seguinte:

Uma terra lavradia com suas pertenças, chamada o Barro dos Possos, sita no lugar da Preguiça d'Arada, de natureza de praso de que é directa senhoria D. Henriqueta Augusta Bandeira de Castro, viuva, proprietaria, residente em Villa Nova de Gaya; a quem paga o fôro annual de 6,121 de milho e está sujeita ao laudemio de quarenta um, avaliada, abatidos os encargos, em 181\$500 réis.

Para a arrematação são citados quaesquer credores incertos-Ovar, 25 d'Agosto de 1908.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Ignacio Monteiro.

O Escrivão,

Angelo Zagallo de Lima.

**Editos de 30 dias**

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Ovar, e cartorio do escrivão Lopes, correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando o coherdeiro José d'Oliveira Muge, casado, ausente em parte incerta da Africa Oriental Portuguesa, para assistir a todos os termos, até final, do inventario orphanologico a que se procede por obito de sua mãe Maria Rosa da Silva, moradora que foi na rua do Pinheiro, d'esta villa d'Ovar, sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 21 d'Agosto de 1908.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Ignacio Monteiro

O escrivão substituto,

Amadeu Soares Lopes

**LIÇÕES**

Lecciona-se francez e habilita-se para exame de instrucção primaria 1.º e 2.º grau, tanto em casa, das alumnas como na Rua de S. Bartholomeu n.º 37.

Acceitam encomendas de flores artificiaes, e dá-se lições das mesmas.

**ANNUNCIO**

**I publicação**

No dia 20 do proximo mez de Setembro, pelas 11 horas da manhã, á porta do tribunal do Juizo de Paz do districto de Esmoriz, sito no lugar d'Aldeia, e nos autos de execução de sentença que Serafim Rodrigues Monteiro, casado, negociante, do lugar da Estrada Nova d'esta freguezia de Esmoriz, move contra João Pereira Gomes, e mulher Laurinda da Silva, ella, domestica, e elle serrador, do lugar da Relva da mesma freguezia, se ha-de arrematar entregar a quem maior lanço offerecer sobre preço da avaliação, o seguinte.

Uma morada de cazas térreas e pertenças sitas na Relva d'esta freguesia, avaliada em 54\$000 réis.

Para a praça afim de usarem dos seus direitos, são citados quaesquer credores incertos.

Esmoriz, 31 d'Agosto de 1908.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de paz

Antonio Ferreira da Costa.

O Escrivão,

Manoel Gomes da Silva.

**CARVÃO DE COKE PARA COSINHA**

Grande economia!

Guerra á lenha!

A 180 réis cada 15 kilos

Vende

Abel Guedes de Pinho

Largo da Praça OVAR

**Bicyclettes e machinas de costura**

**Officina de concertos**

Abel Guedes de Pinho, com officina de concertos em bicyclettes e machinas de costura, e com pessoal devidamente habilitado para os mesmos, encarrega-se de concertar qualquer bicyclette, ou machina, por preços relativamente modicos, sem duvida mais baratos do que em outra qualquer casa congénere.

LARGO DA PRAÇA OVAR

**DECLARAÇÃO**

Os proprietarios da Typographia Peninsular veem por este meio declarar ao publico, que, por contracto feito com os seus auctores, ficam d'esta data em diante sendo os editores dos antigos e afamados almanacks e reportorios do acedido auctor Liborio José de Magalhães, os quaes desde já se acham á venda, **O SERINGADOR, por excellencia, O SABIO SARAGOÇANO, O BORDA LEÇA, O BORDA D'AGUA,** e muitos outros do mesmo auctor; será tambem publicado o novo almanack **D. MANOEL II**, illustrado com o retrato do monarcha, e com capas impressas em papel de côr.

Fazemos saber tambem que, tendo fallecido no dia 16 de Agosto p. p. o sr. Liborio José de Magalhães, vimos declarar que a collaboração dos mesmos almanacks, desde ha muitos annos tem sido feita pela viuva do fallecido auctor; e para evitar contra-factores, esperam a viuva e os editores o mesmo acolhimento no conceito publico.

Todos os pedidos devem vir acompanhados das suas respectivas importancias, e toda a correspondencia dirigida á Typographia Peninsular de Monteiro & Gonçalves, rua dos Mercadores, 171—Porto.

# ADEGA DO LUZIO

Acharão, decerto, pouco,  
Mas, não chamem TESTA D'UNTO,  
Nem TAPADO, nem BACOCO,  
Porque, por falta d'assumpto,  
Não vae mais, nem mesmo a sócco.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-  
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

**ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR**

# MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na  
certeza de que sempre satisfizeram o melhor pos-  
sivel aos seus freguezes, no preço e qualidade  
dos seus generos e artigos, convidam o respeita-  
vel publico a visitar o seu dito estabelecimento,  
onde encontrarão além de todos os generos de  
mercearia; um variado sortido de miudezas, ar-  
tigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, arti-  
gos de latoaria, vinhos da Companhia e outras  
marcas, etc. etc.

Tabacos e phosporos para revender

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

# TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

# MONTEIRO & GONCALVES

**PORTO.**

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos



## O GABÃO ELEGANTE

DE  
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho  
mais conveniente e elegante contra o  
**Frio, Vento e Chuva**  
e o mais commodo para viagem. E se quereis  
o verdadeiro só o encontrareis na  
**ALFAIATERIA DA MODA**

de ABEL GUEDES DE PINHO

## ALFAIATE NATURAL DA CIDADE DE AVEIRO

DEPOSITO DE BYCICLETES  
RILEY

E outras marcas; todas as pe-  
ças precisas para as mesmas. Con-  
certam-se bycicletes

Preços sem competencia



Machinas de Cos-  
tura das bem conhe-  
cidas e acreditadas  
marcas "Naumann"  
e "Opel".

DEPOSITO DE CALÇADO

As machinas de costura das acreditadas marcas "Naumann" e "Opel" são, indubitavelmente, as unicas  
que poderão preencher todas as exigencias do freguez—leves de andamento, podem ser usadas por pessoas de  
qualquer idade; o seu ponto elegante torna estas machinas preferiveis a qualquer das outras marcas, sendo tam-  
bem de um encantador e maravilhoso effeito em todos os trabalhos em bordadura, razões porque estão sendo  
usadas, de preferencia nos grandes ateliers de modista e alfaiate das principaes terras estrangeiras. Não com-  
prem, pois machinas de costura, sem verem as das marcas "Naumann," e "Opel". Dão-se todas as instru-  
ções e ensina-se o bordar gratuitamente.

Vendas a prestações de 500 reis semanaes.

Ha á venda todos os accessorios, taes como: Oleo, vazelina para conservar os nickelados, agulhas para to-  
das as marcas etc, etc.

Concertam-se machinas de costura de todas as marcas e acceitam-se machinas velhas em troca das novas.  
**Preços muito reduzidos,**

**ABEL GUEDES DE PINHO**

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48—OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO  
DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na  
praça da hortaliça, d'esta villa,  
calçado em todas as côres, para  
homem, senhora e creança; encar-  
regando-se tambem de executar  
com esmerada perfeição e modici-  
dade de preços, toda a encomen-  
da de qualquer obra concernente  
d sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer  
dia da semana, fazer-se encom-  
endas, o proprietario virá tam-  
bem a esta villa, a caza dos fre-  
guezes, que para isso o avizem  
pelo correio ou pessoalmente;

LA VILLE DE PARIS  
F. DELPORT, SUCCESSORS EN C.  
MARCA REGISTRADA  
PORTO  
Rua Sá da Bandeira, 249

**Fabrica de corôas**  
e flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro  
em todas as exposições a que tem concorrido

**COROAS FUNEBRES**

**RAMOS para altar.**  
Grande sortido  
de plantas para  
adorno. Flôr de laran-  
jeira, e todos os apres-  
tos para flores.

DEPOSITOS NA PROVINCIA  
COIMBRA — Manoel Carvalho  
Largo do P. D. Carlos.  
FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte  
Praça de Camões.  
SANTAREM — Fonseca & Souza.  
BRAGA — Pinheiro & C.ª